

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE LIVROS ESCRITOS POR MULHERES NEGRAS NO ÂMBITO DA EXTENSÃO

*THE IMPORTANCE OF READING BOOKS WRITTEN
BY BLACK WOMEN IN THE SCOPE OF
EXTENSION*

AUTORES:

Daniele Soares de Lima

Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas; Professora do Instituto Federal

Catarinense - campus Camboriú, Santa Catarina, Brasil. E-mail: daniele.lima@ifc.edu.br

RESUMO

O cânone literário é constituído pelo predomínio de obras escritas por homens brancos. Partindo dos escritos de Akotirene (2019), Berth (2019), Cuti (2010), Moreira (2014), Ribeiro (2019), o presente trabalho tem por objetivo mostrar a importância de propor uma ação extensionista envolvendo a literatura escrita por mulheres, em especial, por mulheres negras, questionando tal cânone. O objetivo parte das reflexões surgidas no Projeto de Extensão Clube de Leitura Fridas e Lidas do campus Camboriú do Instituto Federal Catarinense (IFC). Para mostrar a importância do tema, a metodologia do presente artigo centra-se em trazer a revisão bibliográfica que justifica a escolha da temática desse projeto. A prática do referido projeto, bem como a literatura sobre a autoria feminina de mulheres negras mostram que a representatividade é importante para efetiva postura antirracista no ambiente acadêmico.

Palavras-chave: Literatura. Autoras negras. Clube de leitura.

ABSTRACT

The literature canon is bild by mostly white mens. The goals of this paper is to show the women literature, specialy black women literature. The objective is based on the reflections that emerged in the Extension Project Clube de Leitura Fridas e Lidas do campus Camboriú do Instituto Federal Catarinense (IFC). The methodology for this theme is a bibliografy review. The practice of this project, like the literature on female authorship of black women, shows that representation is important for the effectiveness of the anti-racist environment in the postural environment.

Keywords: Literature. Black womens authors. Literature club.

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão Clube de Leitura Fridas e Lidas é uma iniciativa para promover a relação entre campus e comunidade com o intuito de ler e de discutir obras escritas por mulheres. É uma ação de extensão do campus Camboriú do IFC, aprovada pelo Edital No 30/2021 - GAB/CAMB, que garante a concessão de bolsas para duas alunas do Ensino Médio Técnico Integrado. A iniciativa aconteceu como projeto de ensino durante os dois anos pandêmicos (2020 e 2021) para, então, em 2022, começar a figurar como extensão. Por ser extensão, o projeto é aberto a toda comunidade, contando hoje com 30 participantes (28 mulheres e dois homens). Vale ressaltar que ações de ensino são feitas e direcionadas somente para os estudantes, enquanto que ações de extensão promovem a relação entre os estudantes e a comunidade externa. O projeto é realizado por meio de encontros presenciais e online (quinzenais e mensais, respectivamente), em que são discutidos livros escritos por mulheres. Em suma, foi a partir da experiência de coordenar e de vivenciar esse projeto que escolhemos discutir a importância de se ler mulheres negras.

Mas por que ler mulheres em um clube de leitura? Por que ler mulheres negras? Por que promover uma ação de extensão com o intuito de levar a literatura de autoria feminina para a comunidade? Essas foram reflexões que nos motivaram a pensar o projeto e a sua relevância e serão respondidas ao longo deste artigo. Sobretudo, o intuito maior é entender o porquê de ler obras literárias escritas por mulheres, em especial, mulheres negras. A temática deste artigo se centra na discussão acerca da literatura feita por mulheres negras e de sua contribuição para pensarmos sobre as relações sociais. Enfim, queremos aqui mostrar a importância de tal temática no âmbito da extensão dentro de uma perspectiva interseccional.

A legislação vigente, que institui os Institutos Federais de Educação e Tecnologia (lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008), propõe como objetivo central dos Institutos Federais (IF) desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica. Ao instituir a experiência com a extensão como um objetivo, os IF contribuem para a materialização do seu compromisso social ao mesmo tempo em que promovem um enriquecimento formativo do estudante envolvido na ação extensionista.

Além disso, a extensão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT) é entendida como:

Processo educativo, cultural, social, científico e tecnológico que promove a interação entre as instituições, os segmentos sociais e o mundo do trabalho com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos visando o desenvolvimento sócio-econômico sustentável local e regional. (CONIF, 2013, p. 16).

Destarte, a relevância da extensão, no âmbito da EPCT, é significativa pois não só contribui para o desenvolvimento de ações de pesquisa e de ensino com vistas à transformação social, como também propicia um encontro efetivo entre a comunidade externa e comunidade acadêmica, o que impacta na formação do estudante. Essa troca de saberes pode ser tão produtiva a ponto de promover reais mudanças sociais. Dessa maneira, a proposta trazida neste artigo de discutir sobre a leitura de obras escritas por mulheres negras no âmbito da extensão efetiva a prática orientadora da extensão na Rede Federal de EPCT de “Incentivar a

prática acadêmica que contribua para o desenvolvimento da consciência social, ambiental e política, formando profissionais-cidadãos” (CONIF, 2013, p.17).

2| UMA CRÍTICA ÀS PRODUÇÕES LITERÁRIAS E A INVISIBILIDADE DA MULHERES

A adjectivação de um termo na língua não só o define como também o particulariza. Dessa forma, quando trazemos a questão da produção literária de mulheres negras, surgem diferentes termos que acompanham e que particularizam o termo “literatura”. Seria “literatura negra” ou “literatura afrodescendente”? Seria ainda “literatura negro-brasileira” ou “afro-brasileira”?

No entanto, mais importante do que a escolha dessa adjectivação é a própria visibilidade de escritoras(es) dessa literatura e de personagens negros(as) em textos literários. Para que essas escritoras ganhem espaço nos lugares que legitimam a literatura como a escola, como a mídia e como os editoriais, é preciso publicizar os textos dessas mulheres (MOREIRA, 2014).

A pesquisadora Regina Dalcastagné mostra, em sua pesquisa publicada em 2005, que 73% dos romances publicados entre 1990 e 2004 foram escritos por homens brancos e de classe média. Ela investigou os romances publicados, nesse período, pelas três maiores editoras do Brasil (Companhia das Letras, Rocco e Record). Ou seja, as mulheres escritoras (brancas e negras) são menos de 30% desse percentual. Tais dados revelam que a literatura ainda é um espaço majoritariamente composto por homens. Assim, quando propomos ações extensionistas que visem ler mulheres, não estamos reivindicando um espaço para a escrita de autoria feminina porque as mulheres sofreram discriminações sociais e agora precisam de ajuda. Estamos exigindo da sociedade que haja mais mulheres em diversas áreas (aqui, em específico, refere-se à área literária), pois elas são tão competentes quanto os homens e precisam ser julgadas com objetividade e com justiça (MONTERO, 2020).

É preciso lembrar que muitas mulheres ao longo da história, tiveram que usar pseudônimos masculinos para publicar as suas obras. Como exemplo, tem-se a escritora inglesa Mary Shelley que, no início do séc XIX, não pode assumir a autoria do seu famoso livro Frankenstein, publicando-o sob o nome do seu esposo (Percy Bysshe Shelley). Mais de cem anos depois, no século XXI, a autora da saga Harry Potter, teve que esconder seu primeiro nome, abreviando-o (J. K. Rowling) nas capas dos seus livros, sob pedido do seu editor.

Dessa forma, o espaço doméstico era legítimo das mulheres, enquanto que o público teve (e ainda é) que ser conquistado com muita luta pelas mulheres. Assim, o espaço literário (ou seja, o espaço público) não seria autorizado para as mulheres, pois lhes cabem o dever de cuidar da casa e dos filhos, pela lógica patriarcal. Calcado nessa premissa da lógica patriarcal, o espaço da autoria de livros é ainda um campo de disputas. Por isso, enquanto agentes de uma instituição de ensino, devemos promover não somente o debate sobre essa disparidade de gênero, como também a luta pela igualdade.

Ainda, a pesquisa realizada por Dalcastagné, em 2005, revela que 62% dos personagens tematizados nos romances, nesse período, são personagens masculinos (DALCASTAGNÈ, 2005). Outro dado relevante que a pesquisa mostrou foi que dos 258 romances pesquisados, houve apenas a ocorrência de 3 mulheres negras como protagonistas. Isso demonstra que a literatura ainda apresenta as classes hegemônicas e que

a famigerada “democracia racial” nunca deveras se revelou na prática.

2.1 LITERATURAS ESCRITAS POR MULHERES NEGRAS: A IMPORTÂNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO ANTIRRACISTA

As práticas literárias que se propõem romper com a leitura linear de textos canônicos, desmistifica tais saberes. Assim, ao promover a leitura de textos literários de escritoras negras, propomos uma educação literária que rompe com as estruturas de poder (MOREIRA, 2014).

As mulheres negras foram invisíveis aos olhos da comunidade letrada por muito tempo. Na literatura, os descendentes de escravizados serviram como temática em que predominou o preconceito e a comiseração (CUTI, 2010). Assim, reforçou-se uma ideia de personagens negras sem complexidade, sem humanidade, sendo apenas objeto do qual se falava uma história única. Essa história única reforça estereótipos incompletos, em que aspectos negativos são perpetuados e simplificados, o que não permite que outras histórias constituintes da identidade da mulher negra venham à tona. (ADICHIE, 2019). É preciso entender que tal lógica é a do racismo estrutural, a qual integra o sistema econômico e político da sociedade. É, pois, o racismo estrutural que “fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (ALMEIDA, 2019, p.15)

Em suma, a mulher negra enquanto assunto da literatura foi subjugada e pormenorizada por uma elite branca de homens escritores brasileiros no século XIX e na primeira metade do século XX. Por exemplo, foi vista e representada como mulher lasciva e sensual na personagem Rita baiana do romance O Cortiço de Aluísio de Azevedo (escritor branco), em 1890.

Já como escritora, no Brasil, a mulher negra passa a ter representatividade com Maria Firmina dos Reis, na publicação do seu Romance Úrsula, em 1859. Essa autora nasceu em São Luís do Maranhão, em 1822, e morreu em 1917. Foi escritora e professora durante a sua vida, tendo publicado seu primeiro texto sob o pseudônimo “Uma maranhense”. É considerada pioneira na história literária por ter escrito esse romance abolicionista com tom de crítica severa à escravidão, dando voz às personagens negras escravizadas. Ocorre que essa escritora negra não é citada pelos principais manuais literários presentes nas bibliotecas, nem pela maioria dos livros didáticos até então. Ela foi referenciada nas listas de livros didáticos e nos manuais de literatura muito recentemente. Dessa forma, incluí-la em listas de leitura em clubes de leitura, por exemplo, é essencial para evitar que a história seja contada pelo ponto de vista do poder, dos privilegiados, o que pode causar danos já que a sociedade brasileira passa a não conhecer a história pela perspectiva dos povos que a construíram (RIBEIRO, 2019). Isso é, portanto, reafirmar uma prática antirracista.

A escritora brasileira Carolina Maria de Jesus nasceu em Minas Gerais em 1914 e ainda jovem mudou-se para São Paulo. Nessa cidade, foi morar na favela do Canindé onde teve seus 3 filhos e trabalhou como empregada doméstica e como catadora de papel para sustentá-los. Tinha o hábito de escrever sobre seu cotidiano como catadora de papel na favela. Casualmente, um jornalista ao fazer uma reportagem na favela, conheceu Carolina e seu diário. O interesse do jornalista Audálio Dantas gerou a publicação da primeira obra da escritora. Esse seu livro autobiográfico intitulado Quarto de despejo: o diário de uma favelada (publicado originalmente em 1960) narra uma cena vivida pela narradora (a própria Carolina, mulher negra e favelada). Este trecho nos exemplifica sobre esse lugar de enunciação em que a mulher negra não se vê como legítima para ocupar:

*...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe:
 –Porque a senhora não faz eu virar homem?
 Ela dizia:
 –Se você passar por debaixo do arco-iris você vira homem.
 Quando o arco-iris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-iris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chorar.
 Mas o povo não deve cançar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe:
 –O arco-iris foge de mim. (JESUS, 2005, p.63)*

Na referida citação, a narradora diz ter vontade de ser um homem, já que tem apenas como referência nomes masculinos que constituíram a história do Brasil. Ou seja, seu desejo de ser homem revela-se como uma necessidade de ocupar um espaço legítimo para poder falar. Ela não se reconhece com esse poder, já que a escrita esteve associada às classes dominantes, das quais as mulheres negras não fizeram parte. É importante ressaltar que tal pensamento parte do racismo estrutural, o qual opera constituindo uma sociedade machista e sexista, que violenta mulheres, em especial, mulheres negras. Por isso, é preciso empoderar mulheres para que conheçam a escrita feita por mulheres negras e para que possam se reconhecer nesses escritos para mudar a situação de opressão em que muitas mulheres vivem (BERTH, 2019).

Diante disso, acreditamos que, ao promover ações extensionistas que visem trazer a literatura de autoria de mulheres negras, estamos ajudando no processo de empoderamento dos envolvidos nos projetos de extensão. Defendemos a ideia aqui de empoderamento como um movimento interno de tomada de consciência – apesar de partir muitas vezes de estímulos externos (como a participação numa ação de extensão) – capaz de evocar “diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista” (BERTH, 2019, p.25). Assim, ao se reconhecerem nas narrativas literárias escolhidas para ler no projeto de extensão, os sujeitos envolvidos (em especial, as mulheres negras) podem ser estimulados a se autovalorizar as suas características culturais e estéticas para poderem atuar no meio em que vivem. E ainda, aos participantes que não ocupam o lugar de fala de mulheres negras (por serem brancos e brancas), lhes cabem refletir sobre o seu lugar de fala (muitas vezes, um lugar do privilégio), tendo consciência do seu espaço e de seu papel na luta antirracista. (RIBEIRO, 2019).

Na contemporaneidade, temos a escritora Conceição Evaristo como um grande nome da literatura negro-brasileira. Nascida em Minas Gerais em 1946, veio para o Rio de Janeiro na década de 1970 para ser professora. O reconhecimento de sua obra veio em 2003 quando publicou Ponciá Vicêncio, já com então 57 anos. A escritora cunhou o termo “escrevivência”, o qual define como uma escrita que funde a sua memória, a de seu povo e a sua vivência. Esta última não só de uma mulher negra, mas também de uma coletividade (EVARISTO, 2017). Dessa forma, a autora narra uma experiência coletiva de mulheres negras, numa tentativa de registrar, na sua escrita, a vivência de mulheres que foram excluídas socialmente. Ao fazê-lo, ela dá voz e corpo a essas narrativas que não encontraram espaço no campo literário, por serem rechaçadas por um cânone literário masculino e branco.

A referida autora esteve na lista de livros lidos e discutidos pelo Projeto de Extensão Fridas e Lidas, desde 2020 até o presente momento. O feedback positivo dos participantes do Clube de Leitura Fridas e Lidas (recolhido em 2021) comprova o caráter empoderador da obra *Olhos d'água* (2015). Tais participantes reforçam o quanto ficaram tocados por esse livro obra, fazendo-lhes pensar sobre a condição da mulher negra na sociedade contemporânea. Enfim, essa experiência de ler os contos de Conceição Evaristo – uma autora negra que cria narrativas sob um ponto de vista de sua escrevivência – foi representativo não só para nosso projeto, mas também para uma coletividade. Ações como esta devem ser adotadas em práticas extensionistas pois permitem olhar a mulher negra não como tema de uma obra, mas como protagonistas de suas próprias histórias.

Também em diálogo ao termo escrevivência está a definição de literatura afro-brasileira. A literatura tem cor, logo, tem identidade e valores, os quais se fazem presentes na linguagem que constrói os textos. Dessa forma, a literatura afro-brasileira é “o modo de expressão de um lugar discursivo construído pela visão de mundo historicamente identificada à trajetória vivida pelos africanos escravizados e seus descendentes” (DUARTE, 2014, p.11). Ou seja, é uma voz autoral que expressa temas afro-brasileiros, que usa linguagem marcada por uma afro-brasilidade (ritmo, vocabulário, sintaxe, etc) e que assume um ponto de vista marcado cultural e politicamente de uma identidade afrodescendente. Enfim, trazer essas obras em ações de extensão a fim de serem lidas é reconhecer esse lugar de enunciação apagado historicamente.

Quando tratamos do reconhecimento desse lugar de enunciação das escritoras negras, devemos lembrar que socialmente as mulheres negras sofrem apagamentos e violências oriundos do preconceito racial e do sexismo. Diante disso, a interseccionalidade é uma ferramenta teórica e metodológica que nos permite olhar para as categorias imbricadas: racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado (AKOTIRENE, 2019). É do olhar sobre essas três categorias que conseguimos ver as opressões sofridas pelas mulheres negras. Partindo desse olhar, ao analisarmos obras literárias como a de Maria Firmina dos Reis ou a de Conceição Evaristo, no Clube de Leitura, percebemos que há personagens na obra das referidas autoras que agem com resistência à estrutura patriarcal. Portanto, em ação de extensão – quando envolverem a literatura – é importante partir dessa perspectiva interseccional ao discutir e analisar obras da literatura de autoria feminina negra.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre literatura surgidas no Projeto de Extensão Clube de Leitura Fridas e Lidas fazem-nos refletir sobre o papel da autoria feminina na contemporaneidade. Para além disso, reforçam-nos a importância da leitura de autoras negras no âmbito das ações de extensão.

Ao promover ações de extensão em que a comunidade externa é invocada ao campus, é nosso papel, enquanto instituição, refletir sobre a autoria feminina de mulheres negras, problematizando o lugar que essas mulheres ocupam. O texto literário, embora ficcional, pode nos ajudar a compreender a realidade de diversas condições sociais, incutindo uma semente da mudança não só nos estudantes, como também na comunidade externa.

Essa falta de espaço no mercado editorial criou uma sociedade que lê menos mulheres. Dessa forma, precisamos tencionar essa premissa, promovendo ações extensionistas que reforcem o espaço e a importância de ler obras escritas por mulheres, sobretudo, por mulheres negras. Ao criarmos esses espaços de leitura (como o Projeto de Extensão Clube de Leitura Fridas e Lidas) podemos promover ações

antirracistas (RIBEIRO, 2019). Como exemplo, podemos fazer com que a instituição compre obras escritas por mulheres negras, contrate palestrantes negras, insira autoras negras nos projetos pedagógicos dos cursos, etc.

Enfim, é importante trazeremos para o escopo das ações extensionistas o debate sobre a autoria de mulheres negras. Somente, assim, garantiremos que as produções intelectuais dos conhecimentos negros estarão presentes e contribuirão para o debate público, já que a maioria da população brasileira é constituída por mulheres e por negros, é justo que sejam a maioria nas referências literárias (RIBEIRO, 2019). É, pois, nosso papel, enquanto agentes extensionistas, propormos tais ações antirracistas. O olhar atento e crítico é desafiador já que nós, pessoas brancas, passamos a vida sem questionar o sistema de opressão racial.

Portanto, a importância do nosso projeto está no fato de reconhecer as autoras negras, valorizando a literatura escrita por/sobre mulheres negras. Essa ação extensionista assegura um deslocamento dos envolvidos (estudantes, bolsistas e comunidade externa) e busca romper com as violências raciais e de gênero através da leitura e discussão de literaturas sobre e por mulheres negras.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Bom Livro). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_actio n=&co_obra=2018. Acesso em: 15 jun. 2022.

BRASIL. Lei 11.982, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 29 dez. 2008.

BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: Pólen, 2019.

Conselho Nacional das Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica. (2013). Extensão Tecnológica - Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica/ Conselho Nacional das Instituições Federais de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Cuiabá: CONIF/IFMT.

CUTI, Luiz Silva. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990- 2004). Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n.26, p.13-71, 2005.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2005.

MONTERO, Rosa. Nós, mulheres: grandes vidas femininas. São Paulo: Todavia, 2020.

MOREIRA, Maria Aparecida Rita. A educação para as relações étnico-raciais e o ensino de literatura no ensino médio: diálogos e silêncios. 2014. 228 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Porto Alegre: Zouk, 2018.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio administrativo do campus Camboriú, em especial da coordenação de extensão do campus.

Recebido em: 19/07/22 Aceito em: 01/11/22

